



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<http://www.revistalinguas.com/edicao39/edicao39.html>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2017 by UNICAMP/IEL. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

# ITU – CIDADE DOS EXAGEROS: O FUNCIONAMENTO DA RELAÇÃO APOSITIVA

**Marilene Aparecida Lemos**

UFFS

**Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia**

UFFS

**Resumo:** Atualmente se destacam estudos no campo das ciências da linguagem, a partir de posições não referencialistas, que se dedicam a analisar o funcionamento dos nomes próprios, entre eles, aqueles que nomeiam cidades e espaços da cidade, assim como o nome próprio e expressões apositivas. A partir dessas questões, este estudo teve como objetivo analisar o funcionamento da relação apositiva no texto “Simplicio receberá homenagem da ‘Cidade dos Exageros’”. Para isso, recorreremos à Semântica do Acontecimento teorizada por Guimarães e, mais particularmente, aos seus estudos sobre o aposto e nome próprio de cidade. Assim, os principais resultados alcançados, neste trabalho, dizem respeito à análise do enunciado “Itu – Capital dos Exageros”, a qual nos revelou aspectos importantes do sentido do nome próprio Itu e possibilitou observar como os demais enunciados apresentados no texto vão reescrevendo esse enunciado que se apresenta em forma de aposto.

**Abstract:** Current studies in the field of language sciences stand out from a non-referential perspective, dedicated to analyze how proper nouns operate, particularly the ones used to name cities and urban areas, as well as given names and appositional expressions. Based on these issues, this study aims to investigate how appositional relations work in the text *Simplicio to be honored by the City of Exaggerations*. To this end, we turn to the *Semantics of the Events* theorized by Guimarães and, more specifically, his studies on apposition and the proper name of a city. Thus, the main results achieved by this study concern the investigation of the statement “Itu – City of Exaggerations”, which revealed key aspects of the meaning of the proper noun Itu, and allowed us to observe how other statements in the text rewrite this one, presented as an apposition.

## 1. Introdução

A cidade de Itu, localizada no estado de São Paulo, conquistou a fama de “cidade dos exageros” devido a um comediante ituano, chamado Francisco Flaviano de Almeida (1916-2004), mais conhecido como Simplício. Segundo a página web: <<http://www.itu.com.br>>, tudo começou assim: um dia, na década de 1970, no banco da praça do programa humorístico “Praça da Alegria”, apresentado por Manoel de Nóbrega, na extinta Rede Tupi, Simplício burlou o *script*. No programa, o ator interpretava um caipira e costumava pedir que a esposa explicasse ao público o tamanho dos objetos que existiam em sua terra. Havia sempre o exagero. Um dia, Simplício arriscou: “Ofélia, diga o tamanho da mandioca que tem lá na nossa cidade, em Itu”. Nesse momento, Nóbrega, ao vivo, brincou com o comediante: “promovendo, hein?”. E, em virtude desse acontecimento, a cidade de Itu passou a ser conhecida como a cidade dos exageros.

Como consequência disso, em 2 de março de 2010, o humorista Simplício foi homenageado por ter sido o responsável por tornar a cidade de Itu conhecida nacionalmente como “cidade dos exageros”. E, por meio de lei regional, foi firmado, nesse dia, que o nome de Simplício seria lembrado, anualmente, todo dia 2 de março. Assim, nesse mesmo evento, foi anunciado o “Guia do Turismo 2010 – Itu – Capital dos Exageros”.

Em consideração ao exposto, neste trabalho, interessou-nos analisar, especificamente, o acontecimento enunciativo: Itu – Capital dos Exageros, com isso, visando fomentar a discussão sobre o funcionamento das relações apositivas. Devemos considerar o acontecimento, tal como conceituado por Guimarães (2005, p. 11-12), na Semântica do Acontecimento:

[...] algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza a diferença é que o acontecimento não é um fato *no tempo*. Ou seja, não é um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes *no tempo*. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade: essa a sua diferença.

Desse modo e como o sentido deve ser definido a partir do acontecimento enunciativo, para esta análise, consideramos o nome da cidade, a relação apositiva a esse nome e o sentido da expressão apositiva na relação com outras expressões do texto. Para abordar a questão do nome próprio Itu, é essencial nos atentarmos que os nomes próprios são definidos, por Guimarães (2005, p. 8-9), como “nomes que se apresentam como nomes de objetos únicos” e “a nomeação é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome”.

Também, fundamentam nossas reflexões os conceitos de reescrituração e de reescrituração apositiva, tal como Guimarães (2005, 2007, 2012) os define. A reescrituração, conforme o autor, é o procedimento pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito. Esse procedimento pode se dar por repetição, substituição, expansão, condensação e elipse. E os sentidos da reescrituração podem ser de sinonímia, especificação, desenvolvimento, definição, etc. Certas análises realizadas em Guimarães (2012), no artigo “Aposto e nome próprio”, mostram que “a reescrituração apositiva se apresenta enunciativamente de modo distinto do elemento reescriturado”. E isso lhe conduz a dizer que “a reescrituração apositiva aparece em algo dito como pressuposto, diferentemente do reescriturado” (GUIMARÃES, 2012, p.2).

## 2. O nome da cidade

De acordo com o historiador Jonas Soares de Souza, do Museu Republicano “Convenção de Itu”, o nome da cidade de Itu deriva de uma queda d’água, uma cachoeira situada no rio Tietê — denominada *Outu-guassú* pelos indígenas<sup>1</sup>. Convém esclarecer que tal cachoeira está localizada na cidade de Salto-SP e inspirou também o nome dessa cidade. Segundo o pesquisador, “o turbilhão formado entre aquelas pedras imensas certamente impressionava os indígenas, que lhe deram o nome de Utu-Guaçu<sup>2</sup>” (SOUZA, 2014, p.1). Ainda segundo Souza (2014), o topônimo indígena foi apropriado pelos primeiros povoadores europeus, pois o próprio fundador de Itu registrou, em seu testamento, lavrado em 12 de dezembro de 1652: “Eu o capitão Domingos Fernandes, morador na Vila de Santana de Parnaíba e residente neste Utu-Guaçu...” (SOUZA, 2014, p.1).

Segundo o lexicógrafo Francisco da Silveira Bueno (1987), o nome Itu procede desse termo tupi, correspondente à “cachoeira grande”: Itu

– salto, cascata, cachoeira (de *y*, água, rio; e *tu*, onomatopéia do estrondo das águas ao caírem do alto abaixo): *Assú* – variação de *guassú*, grande.

A origem de Itu, como a de muitas outras cidades do interior brasileiro, tem que ver com a atuação das bandeiras. Tratava-se de grupos formados por indígenas, brancos portugueses e descendentes que, inicialmente, voltaram-se para o interior da colônia em busca de populações nativas para serem vendidas como escravas na Vila de São Paulo e região. Posteriormente, os paulistas se voltaram para a procura de metais preciosos. Distante do nordeste, onde prevalecia a economia mais próspera, São Paulo estava entregue à própria sorte. Assim, as bandeiras representavam uma opção para a pobreza que prevalecia no lugar.

A data oficial de fundação da povoação de Itu é 2 de fevereiro de 1610, pelos bandeirantes Domingos Fernandes e Cristóvão Diniz; e está relacionada à edificação de uma capela em louvor à Nossa Senhora da Candelária do *Outu-guassú*. Tal capela existiu onde hoje há o marco de fundação da cidade, na Praça Padre Anchieta (Largo do Bom Jesus).

Embora possa parecer tudo uma simples coincidência de fatos, já havia alguns elementos que procuravam dar à história da cidade um destaque especial. O primeiro deles diz respeito à religiosidade e edificação de uma construção que homenageava Nossa Senhora, figura central da simbologia no contexto do catolicismo. Outro fato refere-se aos bandeirantes e todo o significado ideológico que estes passaram a ter entre o final do século XIX e grande parte do século XX. Toda a ascensão econômica vivida em São Paulo nesse período, como a expansão da agricultura cafeeira e, depois, a industrialização, precisava, na visão das elites locais, encontrar, em um personagem histórico, o mito do homem forte e desbravador que seriam os bandeirantes. De uma hora para outra, os indivíduos que escravizaram e assassinaram milhares de indígenas passaram a ser considerados heróis. Buscava-se, também, com isso ofuscar o passado pobre e miserável de São Paulo dos tempos coloniais.

Emergiu então a figura do bandeirante, dilatador incansável das fronteiras. A narração da conquista e da manutenção do território foi transformada na grande epopéia nacional, redimindo não só o nosso passado mas também as regiões tropicais que – afinal –

davam sinais de poder conviver com a civilização. Essa construção excludente, que transpunha a recente supremacia desfrutada por São Paulo para o tempo mítico das origens, mal conseguia disfarçar suas implicações políticas (LUCA, 1999, p. 86).

Os estudos de Souza (2014) apontam que o povoado principiado na primeira década do século XVII, nas fazendas abertas por Domingos Fernandes e seu genro Cristóvão Diniz, ganharia autonomia por ato do capitão-mor e governador da Capitania de São Vicente, Miguel Cabedo de Vasconcelos, que, a 18 de abril de 1657, elevou-o à categoria de Vila<sup>3</sup> de Itu, com território desmembrado da Vila de Santana de Parnaíba.

E, ainda, segundo o *site* da Biblioteca do IBGE<sup>4</sup>, a Vila de Itu foi, em fevereiro de 1842, elevada à categoria de cidade com a denominação de Itu, pela Lei Provincial nº 5, de 5 de fevereiro de 1842.

Por sua vez, Castilho (2012) afirma que, tendo sido compreendido o sentido da onomatopeia, a Vila passa a ter um nome composto que ficou registrado historicamente com a grafia de Vila de Nossa Senhora da Candelária de Ytu Guaçu ou Utú Guassú. E, anos depois, em diversos documentos, abandonou-se parte da expressão, sendo escrito apenas o neologismo Itu.

### 3. Sentidos do nome Itu e reescrituração apositiva

De forma inicial, esclarecemos que o texto “Simplicio receberá homenagem da ‘Cidade dos Exageros’” foi publicado em 25 de fevereiro de 2010, no portal [www.itu.com.br](http://www.itu.com.br), e trata de informar acerca de um evento, supostamente, organizado pela Secretaria Municipal de Turismo, Lazer e Eventos do município de Itu-SP, e de apresentar o respectivo cronograma desse evento que se realizaria em 2 de março de 2010. Na programação de atividades que fariam parte do evento, consta a apresentação do novo guia “ITurismo Rota Rural – 400 anos”; o lançamento do concurso do hino ao quarto centenário de Itu; e o lançamento do projeto “Redescobrimo Itu”, que foi idealizado pelo turismólogo Fábio Grizoto.

Contudo, para compreender os sentidos deste acontecimento de enunciação, temos que o foco do evento é a cerimônia de homenagem à Simplicio. E esse destaque já aparece no título do texto: “Simplicio

receberá homenagem da ‘Cidade dos Exageros’”. E, nesse seguimento, o corpo do texto enfatiza o nome de Simplício; apresenta uma breve biografia do artista; destaca que o humorista será homenageado; e que, nessa ocasião, serão entregues 30 diplomas com o nome do artista para personalidades locais que contribuíram para o desenvolvimento turístico da cidade. Além disso, o texto informa que, por meio de um documento elaborado mediante lei regional, o nome de Simplício será lembrado, anualmente, todo dia 2 de março. E vinculado a essa homenagem está o lançamento do “Guia do Turismo 2010 – Itu – Capital dos Exageros”.

Assim, encaminhando-nos para o que constitui o objetivo de análise deste trabalho, observamos que o título do Guia apresenta a seguinte expressão:

#### (1) Itu – Capital dos Exageros.

Podemos referir, inicialmente, que a história de sentidos do nome próprio Itu recorta como memorável a língua tupi-guarani – *Outu-guassú* – queda d’água; a presença dos bandeirantes e o lugar religioso da nomeação dada à capela em louvor à Nossa Senhora da Candelária, pelo bandeirante Domingos Fernandes. Esse ícone religioso, patrimônio da categoria denominada Arte Sacra, continua no mesmo local da fundação da cidade.

Segundo Dubner (2012), em seu texto “Itu: 402 anos e muitos apelidos”, a cidade ficou com as marcas da religiosidade extrema dos jesuítas. Há em Itu grande quantidade de igrejas, alguns conventos femininos e uma frequência notável da comunidade às igrejas. Existe, também, segundo a jornalista, uma importância ou significado arquitetônico e histórico nas igrejas de Itu.

Conforme o exposto, podemos inferir que a criação da capela está significada na sua relação com a fundação da cidade e com o nome da cidade de Itu. E, de forma geral, tanto funcionando como objetos de veneração quanto objetos de arte, as igrejas representam, simbolicamente, a religiosidade, e esta, por sua vez, influencia na construção da identidade ituana e legitima o nome da cidade.

Ao retomar a expressão apresentada no Guia, temos o nome da cidade: “Itu”, reescriturado apositivamente por “capital dos exageros”, pois o “funcionamento das expressões apositivas se caracteriza por uma

relação de reescrituração”, como propõe Guimarães (2012, p.2) em seu estudo sobre aposto e nome próprio.

Com o intuito de analisar o aposto: *capital dos exageros*, é importante destacarmos que o lançamento do Guia ocorreu em um evento que objetivava divulgar ações e projetos e fortalecer o turismo da cidade de Itu. Assim, o Guia circulou na mídia e, principalmente, fora de Itu a fim de atrair visitantes para a cidade, o que nos leva a dizer, a princípio, que o enunciado (1) *Itu – Capital dos exageros* está colocado numa cena enunciativa que tem como relação, entre o lugar social do dizer e seu alocutário, o que segue:

(1') *l-oficial* – Itu – Capital dos Exageros *al* – “*turista*”

E no intuito de atrair turistas para Itu, o lançamento do Guia significa um acontecimento enunciativo que recorta seu passado e futuro, ou seja, o objetivo de projeção de significação da expressão apresentada no título do Guia é o de atrair interessados em viajar para Itu, enquanto, também, rememora um conhecimento estabelecido a respeito de Itu que, igualmente, significa na relação com o excesso, com a ostentação, irreverência, fantasia e aventura que ainda percorrem o imaginário social. Com isso em conta, “o passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro” (GUIMARÃES, 2005, p.12).

Portanto, o *l-oficial* é constituído pela história da produção de sentidos sobre a cidade de Itu e a sustentação de si, enquanto *l-oficial*, está relacionada à promoção da cidade a partir dessa história, nas formas de designar<sup>5</sup> que ela constitui. Em suma, do ponto de vista argumentativo, o Locutor (L) se caracteriza por se sustentar como *l-oficial* e cumpre sua função de promoção da cidade de Itu.

Conquanto fossem preocupados com a criação dos símbolos nacionais e seu impacto na afirmação do nacionalismo, os historiadores Terence Ranger e Eric Hobsbawm (1984) chamam a atenção para a necessidade que as sociedades que surgiram após a Revolução Industrial tinham de inventar um passado, não muito remoto, que seria a origem de um valor, sentimento, ideia, comportamento e outros aspectos que, repetidos diversas vezes, acabaram por adquirir uma autonomia própria e que ajudaram a diferenciar aquele lugar dos

demais. Na prática, fabricou-se uma identidade para os habitantes que os fez únicos. Ainda, segundo os mencionados autores, a tradição que se quer impor se apresenta de forma estática e imutável como se assim sempre fora e, por isso, deverá permanecer de forma indefinida. Outra característica interessante das tradições inventadas é a sua aparente neutralidade e ausência de interesses ou ideologias. No caso da cidade de Itu, podemos verificar a clara intenção das autoridades locais em fazer perpetuar uma ideia e um sentido de pertencer à localidade que devem ser rememorados anualmente, dessa forma, destacando os aspectos que fazem dela a “cidade dos exageros”.

Como parte dos anseios de um grupo que, de certa forma, quer dar à cidade de Itu uma nova identidade, é preciso que essa proposta se materialize em construções, objetos, estilos arquitetônicos e monumentos. Tudo isso funciona como uma espécie de reforçador, pois estão ali, no espaço público da praça, ajudando a fixar, na memória visual dos indivíduos, os elementos que se quer destacar de Itu como a terra onde tudo é desproporcional. Portanto, não há dúvida de que essa estratégia colabora de forma incisiva para que as pessoas façam uma associação entre o nome da cidade e a qualidade de que tudo ali é exagerado.

Em uma pesquisa em alguns *sites*, observamos que os espaços que se dedicam a divulgar a cidade de Itu como destino turístico costumam oferecer aos visitantes passeios por fazendas e *campings*, cavalgadas, pesqueiros, museus, roteiros religiosos e rurais e esportes de aventura. Todavia o principal destaque se dá para a Praça da Matriz, que abriga os exageros de Itu: um orelhão, um semáforo e vários outros objetos “gigantescos”. Salienta-se, nesses anúncios, que o orelhão de Itu, com sete metros de altura, é um requisitado ponto turístico e um dos responsáveis pela fama da cidade. Em certos espaços, ressalta-se a Praça dos Exageros, um parque temático inaugurado em 2012, na cidade de Itu, e que possui diversos objetos em tamanho gigante, inclusive um boneco do humorista Simplício, que significa a afirmação de que Itu é a capital dos exageros, parafraseando o enunciado: Itu – Capital dos exageros. Assim, o sentido do nome próprio “Itu” fica determinado pelo sentido da formulação apositiva.

Em continuação à análise, vemos que o título do texto apresenta o enunciado:

(2) Simplício receberá homenagem da “Cidade dos Exageros”.

Poderíamos considerar as seguintes paráfrases de (2):

(2a) Simplício receberá homenagem da cidade de Itu, conhecida como cidade dos exageros.

(2b) Simplício receberá homenagem da cidade de Itu.

(2c) Simplício receberá homenagem de Itu.

(2d) Simplício receberá homenagem.

(2e) Itu é a cidade dos exageros.

A partir das paráfrases construídas, consideramos que o lugar social do locutor é o de jornalista (1-jor), pois o texto é uma “notícia” publicada em um *site* de jornalismo *on-line*. Para tanto, consideramos que

[...] não é o Locutor que escolhe uma forma para dizer algo, mas ele é agenciado a dizer pelo modo como as formas linguísticas se constituíram sócio-historicamente e pelo modo como o espaço de enunciação distribui as línguas, e os modos de dizer e o que dizer, para seus falantes. (GUIMARÃES, 2009, p.50).

Assim:

L – 1-jor

Observamos, ainda, uma divisão desta enunciação em dois enunciadores. E afirmamos isso a partir das análises de Guimarães (2011), que lhe conduziram a caracterizar a reescrituração apositiva como apresentando sempre um desdobramento de enunciadores.

L – 1-jor | E1 (ind.) (2b)  
| E2 (gco) (2e)

Dessa maneira, (2b) nos mostra, na relação com o texto, que a homenagem outorgada a Simplício produz sentidos específicos quando se remete ao público local, embora o texto esteja publicado numa página da internet. A cena enunciativa, considerada, por Guimarães

(2005, p.8), como “um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento”, coloca em jogo o lugar social do locutor-jornalista, que pode ser observado pelo que a voz do locutor-jornalista aí diz: “serão entregues trinta diplomas com o nome do artista para personalidades locais que contribuíram para o desenvolvimento turístico da cidade”; “por meio de um documento adquirido pela mediação de lei regional, o nome de Simplício será lembrado anualmente todo dia 2 de março”; “a abertura do evento será feita pelo secretário municipal de Turismo, Lazer e Eventos [...]”. Nesse sentido, podemos considerar que E2 é, neste caso, um enunciador genérico (Egco). Essa voz genérica traz um sentido como memorável: Itu é a cidade dos exageros, ao mesmo tempo essa afirmação projeta sentidos futuros, tais como os de divulgação da cidade. Por conseguinte, em (2e), a expressão “cidade dos exageros”, ou seja, aquela que homenageia Simplício, atribui sentidos ao nome próprio Itu.

É importante destacar, ainda, considerando a cena enunciativa, que o lugar de circulação do texto é um *site* de jornalismo *on-line*, como mencionamos, que oferece, entre outros serviços, opções turísticas de Itu e região; e que funciona como um jornal da cidade de Itu; e o enunciado “capital dos exageros”, apresentado em forma de aposto no título do Guia do Turismo 2010, circulará, principalmente, fora da cidade de Itu. Assim, a cidade de Itu, ao ser divulgada ao público externo como “capital dos exageros”, sustenta o sentido do que se afirma em (2e) — Itu é a cidade dos exageros, e, dessa maneira, o sentido atribuído ao nome próprio “Itu”, determinado pela formulação apositiva “capital dos exageros”, é, também, de “cidade dos exageros”, um atributo que é dado à cidade.

O texto apresenta, ainda, as seguintes formas de designar Itu:

- (3) Cidade exageros.
- (4) Cidade onde tudo é grande.
- (5) Terra dos exageros.

No enunciado (3), a expressão cidade remete a “exageros” e reapresenta o enunciado que acabamos de analisar: “cidade dos exageros”, que aparece no título do texto. Além disso, “exageros” adjetiva cidade. E, dessa maneira, o nome próprio Itu, como em parte

já adiantamos, é determinado pelos sentidos de exageros. Ao mesmo tempo, esse enunciado retoma o sentido do aposto que aparece no título do Guia: “capital dos exageros”.

O enunciado (4), além de substituir o enunciado: cidade dos exageros, recorta um memorável das apresentações artísticas de Simplício quando afirmava que vinha da cidade onde tudo era grande. Convém retomar, ainda, que o nome Itu deriva do termo tupi *Outu-guassú*, correspondente à “cachoeira grande”. Os sentidos de “grande” fazem parte da constituição do nome de Itu, ou seja, historicamente, “grande” faz parte do nome Itu.

Por sua vez, no enunciado (5), “terra dos exageros”, que aparece como *tag* (palavra-chave) no texto analisado, faz refletir sobre os sentidos do termo “terra”, ao relacioná-lo com os outros enunciados discutidos no texto.

Simplício, em sua atuação no programa humorístico “Praça da Alegria”, como já antecipamos, interpretava um caipira. E, ao focalizarmos o termo “caipira”, retomamos Castilho (2012, p.67-68), que, ao abordar sobre a história de Itu, afirma que

[...] os indígenas do interior do continente se denominam Kaipira: kai = homem + pira = acima da serra/planalto; ou seja, homem que vive sobre o planalto, acima da serra e longe do mar. Essa situação geográfica do humano longe do litoral se adequa [SIC] ao habitante de Itu, cidade localizada acima da serra e longe do mar.

Embora interpretando um personagem estereotipado de “caipira do interior de São Paulo”, uma designação genérica dada aos habitantes dessa região, o ator era um ituano e, como tal, representava o homem que vivia acima da serra, ou seja, “o homem da terra”; e considerando sua história de enunciações, o caipira também se constitui nessa relação com a história, dada sua forte ligação com a terra e com suas raízes; enfim, com uma cultura que preserva os traços herdados dos colonizadores.

O caipira, como um indivíduo de trajes e comportamentos engraçados, com ar de inocente e modos rústicos, acabou perpetuando-se ao longo do tempo, especialmente na grande mídia, como um conjunto de atributos que passou a identificar os indivíduos que viviam

pelo interior do Brasil. Essa foi uma imagem construída por diversas produções, desde o personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, na literatura, até os filmes do humorista Mazzaropi. Com o objetivo de atingir cada vez mais públicos consumidores fosse no cinema, nas telenovelas, nas músicas e outros meios, o estereótipo de caipira, também, foi adquirindo outras denominações, como foi o caso da música sertaneja. Em um estudo realizado por Antonio Candido (2010), que se tornou uma obra clássica: “Os parceiros do Rio Bonito”, o autor, a partir de uma pesquisa sociológica, verificou que o universo das populações do interior de São Paulo não tinha nada de engraçado e nostálgico. Pelo contrário, era uma vida muito precária e difícil, marcada pelo abandono do poder público e imersa em um ambiente dominado pela violência nas mais diferentes formas.

É interessante observar que o personagem Simplício costumava se vangloriar das grandezas de sua “terra” natal; e, a partir do momento que esse personagem enuncia em um determinado programa: “Ofélia, diga o tamanho da mandioca que tem lá na nossa cidade, em Itu”, aparece o nome da cidade e esta passa a ser divulgada pela mídia. E a “terra dos exageros” que se vincula ao caipira, traz nova atribuição de sentido a Itu como a “cidade dos exageros”, desse modo, fortalecendo os sentidos do nome Itu como “capital dos exageros”, que se apresenta como outro nome para a cidade.

#### **4. Considerações finais**

Conforme os objetivos deste trabalho, que teve como foco o funcionamento da relação apositiva, a análise do enunciado “Itu – Capital dos Exageros” nos revelou aspectos importantes do sentido do nome próprio Itu e possibilitou observar como os demais enunciados apresentados no texto vão reescrevendo esse enunciado que se apresenta em forma de aposto.

Desse modo, podemos inferir que o sentido do nome próprio Itu recorta uma memória de dizeres que traz uma história de enunciações, tais como, na língua tupi-guarani – *Outu-guassú* – queda d’água; a presença dos bandeirantes e o lugar religioso da nomeação dada à capela em louvor a Nossa Senhora da Candelária pelo bandeirante Domingos Fernandes.

A criação dessa capela, além de estar significada na relação com a fundação da cidade, está significada no nome da cidade de Itu. E, de

forma geral, a religiosidade influenciou na construção da identidade ituana e legitimou o nome da cidade. A preocupação em atrelar a fundação da cidade à ação das bandeiras deixa claro o intuito de marcar a história local e sua relação com os mitos e heróis da memória nacional e paulista.

Quanto ao enunciado (1) Itu – Capital dos exageros este está colocado numa cena enunciativa que tem como relação, o lugar social do dizer: (1<sup>o</sup>) *l-oficial* – Itu – Capital dos Exageros e seu alocutário: “*turista*”. E, assim, o lançamento do Guia significa um acontecimento enunciativo que recorta seu passado e futuro: visa buscar interessados em viajar para Itu, enquanto também rememora um conhecimento estabelecido a respeito de Itu que, também, significa na relação com o excesso, com a ostentação, irreverência, fantasia e aventura que ainda percorrem o imaginário social.

Ademais, a mídia ressalta a Praça dos Exageros, um parque temático que foi inaugurado em Itu, em 2012, e que possui diversos objetos em tamanho gigante, com isso visando afirmar que Itu é a capital dos exageros, parafraseando o enunciado: “Itu – Capital dos exageros”. Assim, o sentido do nome próprio “Itu” fica determinado pelo sentido da formulação apositiva.

Consideramos, também, a partir das paráfrases construídas, que o lugar social do locutor é o de jornalista (l-jor), pois o texto é uma “notícia” publicada em um *site* de jornalismo *on-line*. Observamos, ainda, em (2) Simplício receberá homenagem da “Cidade dos Exageros”, uma divisão dessa enunciação em dois enunciadores: E1 (ind) (2b): Simplício receberá homenagem da cidade de Itu; E2 (gco) (2e): Itu é a cidade dos exageros.

Nessa direção, E1 (ind) nos mostrou, na relação com o texto, que a homenagem outorgada a Simplício produz sentidos específicos quando se remete ao público local, embora o texto esteja publicado numa página da internet. E, no caso de E2 (gco), esta voz genérica traz um sentido memorável: Itu é a cidade dos exageros, ao mesmo tempo essa afirmação projeta sentidos futuros, relacionados à divulgação da cidade. Por conseguinte, em (2e), a expressão “cidade dos exageros” atribui sentidos ao nome próprio Itu.

Na continuação das análises, observamos que a cidade de Itu, ao ser divulgada ao público externo como “capital dos exageros”, sustenta o sentido do que se afirma em (2e), Itu é a cidade dos exageros, e, dessa

maneira, o sentido atribuído ao nome próprio “Itu”, determinado pela formulação apositiva “capital dos exageros”, é também de “cidade dos exageros”, um atributo que é dado à cidade.

E, ainda, considerando o sentido da expressão apositiva na relação com outras expressões do texto, analisamos três enunciados: (3) Cidade exageros; (4) Cidade onde tudo é grande; e (5) Terra dos exageros.

No enunciado (3), o nome próprio Itu, como em parte já adiantamos, é determinado pelos sentidos de exageros. Ao mesmo tempo, esse enunciado retoma o sentido do aposto que aparece no título do Guia: “capital dos exageros”.

O enunciado (4), por sua vez, substitui o enunciado: cidade dos exageros e recorta uma memória de dizeres: as apresentações artísticas de Simplício quando afirmava que vinha da cidade onde tudo era grande; e o nome Itu, que deriva do termo tupi *Outu-guassú*, correspondente à “cachoeira grande”.

Por último, o enunciado (5), também, possibilitou-nos reflexões, das quais destacamos: os sentidos do termo “terra” ao relacioná-lo com os outros enunciados discutidos no texto; o termo “caipira”, que retoma o personagem Simplício como “homem da terra”, constitui-se na relação com a história e com suas raízes.

É interessante observar, que a “terra dos exageros” que se vincula ao caipira, a Simplício, traz uma nova atribuição de sentido à cidade de Itu como “cidade dos exageros”, quando esta passa a ser divulgada pela mídia. E, por conseguinte, os sentidos do nome Itu são fortalecidos como “capital dos exageros”.

Por fim, está explícito o interesse de criar uma tradição que desse à cidade de Itu uma identidade forjada em meio a uma série de outros símbolos e representações que reforçam essa ideia, como é o caso da figura dos bandeirantes, do caipira e da religiosidade. Toda essa articulação visou emprestar à cidade um atributo que permitisse reconhecê-la diante das demais. Trata-se de uma inteligente concepção, pois foi necessário buscar em outras tradições, já segmentadas, as bases do que se pretendia para a cidade de Itu. Não se pode ocultar que todo esse esforço da elite local em forjar uma memória para Itu não se deu por acaso ou de forma desinteressada, como quer parecer. Sobressai um interesse evidente de dar à cidade uma característica de polo regional de turismo capaz de atrair mais investimentos e recursos.

## Referências Bibliográficas

- BUENO, F. S. (1987). *Vocabulário tupi-guarani / português*. São Paulo: Brasiliavros, 5ª ed.
- CANDIDO, A. (2010). *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 11ª ed.
- CASTILHO, E. R. (2012). *A cidade paulista de Itu – perspectivas relacionadas à patrimonialização e musealização*. Dissertação. Mestrado em Museologia e Patrimônio. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- CASTRO, B. de. (1936). *Vocabulário Tupy-guarani*. Rio de Janeiro: Ariel.
- DUBNER, D. (2012). *Itu: 402 anos e muitos apelidos*. Disponível em: <http://www.itu.com.br/cultura/noticia/itu-400-anos-e-muitos-apelidos-20100228>. Acesso em: 16 de junho de 2015.
- GUIMARÃES, E. (2005). *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2ª ed.
- GUIMARÃES, E. (2009). “A Enumeração: funcionamento enunciativo e sentido”. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (Orgs.). *Cadernos de estudos Linguísticos*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/Instituto de Estudos da Linguagem, nº 51 (1), Jan./Jun.
- GUIMARÃES, E. (2011). “Em torno de um nome próprio de cidade. Sobre a produção dos sentidos de uma origem”. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 2, v.53, p.137-147. Campinas: DLIEL/Unicamp.
- GUIMARÃES, E. (2012). “Aposto e nome próprio”. In: *Entremeios*, nº 5. Pouso Alegre: Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Univás.
- GUIMARÃES, E. (2014). “Produzindo o sentido de um nome de cidade”. In: *RUA* [online]. Edição Especial – ISSN 1413-2109. Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Acesso em: 06 de junho de 2015.
- HOBSBAWN, E. J. e RANGER, T. (Orgs.) (1984). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LUCA, T. R. (1999). *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a Nação*. São Paulo: Ed. UNESP.
- PEREIRA, R. (2010). *Simplício receberá homenagem da “Cidade dos exageros”*. Disponível em:

<http://www.itu.com.br/turismo/noticia/simplicio-recebera-homenagem-da-cidade-dos-exageros-20100225>. Acesso em: 01 de junho de 2015.

SOUZA, J. S. de. (2014). “Origem dos nomes Itu e Salto”. In: *Revista Campo & Cidade*, v. 88. Itu, jan/fev.

**Palavras-chave:** nome próprio; cidade; relação apositiva.

**Keywords:** proper nouns, city, appositional relations.

## Notas

---

<sup>1</sup> Segundo o historiador Jonas Soares de Souza (2014), os jesuítas criaram a aldeia de Maniçoba, em 1553, habitada por índios carijós, nas imediações da atual cidade de Itu.

<sup>2</sup> Guaçu, açu, oçu, oaçu, uaçú, ruçú,uçú, buçú, çú, turuçú, yuçú (também se grapha com ss): animal de vulto, caça grande, veado. Como suff. aumentativo: grande, grosso, largo, amplo; conforme Castro (1936), em seu “Vocabulário Tupy-guarani”.

<sup>3</sup> Na Colônia e no Império, a vila era a unidade político-administrativa autônoma equivalente a município, denominação que perdurou até o início da República; como afirma Souza (2014).

<sup>4</sup> Disponível no site: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/saopaulo/itu.pdf>.

<sup>5</sup> “A *designação* é o que se poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história” (GUIMARÃES, 2005, p.9).

## ANEXO:

### Simplicio receberá homenagem da "Cidade dos Exageros"

Publicado: Quinta-feira, 25 de fevereiro de 2010 por Renan Pereira

O evento acontecerá no auditório do UniShopping.

**Local:** Auditório do UniShopping

**Data:** 2/3/2010

**Horário:** 19:00

O humorista Francisco Flaviano de Almeida, mais conhecido como Simplício, será homenageado na próxima terça-feira, dia 2 de março, às 19 horas, no auditório do UniShopping, em Itu. Na ocasião serão entregues trinta diplomas com o nome do artista para personalidades locais que contribuíram para o desenvolvimento turístico da cidade.

Por meio de um documento adquirido através de lei regional, o nome de Simplício será lembrado anualmente todo dia 2 de março. A abertura do evento será feita pelo secretário municipal de Turismo, Lazer e Eventos, Osmar Barbosa, que anunciará o lançamento do **“Guia do Turismo 2010 - Itu - Capital dos Exageros”**.

O cronograma contará ainda com a apresentação do novo guia **“ITurismo Rota Rural - 400 anos”**, com palestra sobre respeito da participação de Itu nos roteiros dos Bandeiras, Itupararanga/Sorocabana e Caminho do Sol. Na mesma noite, será lançado o concurso do hino ao quarto centenário de Itu, com nomeação dos membros da **“Comissão Especial”**.

## **Simplício**

O comediante foi o responsável por tornar Itu conhecida nacionalmente como **“cidade exageros”** ao dizer na televisão, para todo o Brasil, que vinha da **“cidade onde tudo é grande”**. Pioneiro na TV, Simplício foi um dos 12 primeiros artistas a aparecer na televisão na América Latina.

Teve como seu último trabalho televisivo o garoto torcedor do

Galo Ituano. Faleceu aos 87 anos de idade, em 14 de fevereiro de 2004, sendo reverenciado com luto oficial por três dias.

### Projeto “Redescobrimdo Itu”

Outro programa que marcará o evento será o lançamento do projeto “Redescobrimdo Itu”, direcionado aos estudantes do ensino público fundamental e médio. O projeto foi idealizado pelo turismólogo, Fábio Grizoto, e tem como objetivo sensibilizar os alunos sobre a potencialidade turística da cidade e a importância do setor na geração de emprego e renda.

Tags: simplício, turismo, **terra dos exageros**

Disponível em: portal *itu.com.br*. Acesso em: 01 de junho de 2015.